

PAIS E OS FILHOS ADOLESCENTES:
PROTAGONISTAS DA TRAJETÓRIA DA VIDA FAMILIAR
PARENTS AND TEENAGERS: PROTAGONIST IN THE LIFE CYCLE
PADRES E HIJOS ADOLESCENTES:
PROTAGONISTAS EN LA TRAYETORIA DE UNA VIDA FAMILIAR

Coleta Rinaldi Althoff*
Gisele Cristina Manfrini**

RESUMO: A presença dos filhos adolescentes na família marca uma etapa na trajetória da vida familiar. Com o objetivo de compreender como as famílias percebem a convivência familiar nesta etapa da vida, realizou-se um estudo de cunho qualitativo. Os dados foram levantados através de entrevistas abertas realizadas com cinco famílias, em seus domicílios. A análise comparativa dos dados permitiu identificar as seguintes categorias: Definindo quem é a família; Percebendo uma nova fase na vida familiar; Pensando nos filhos; Tomando consciência das mudanças na vida dos filhos adolescentes; Percebendo a família sob o ponto de vista dos adolescentes; Refletindo sobre a experiência de viver em família e Falando sobre saúde e família saudável. Para as famílias na fase adolescente, este é um processo singular com mudanças na vida familiar. Enquanto os pais revelam que se mantêm em constante estado de alerta, os filhos buscam sua independência, mas desejam viver em família.

PALAVRAS-CHAVE: Relações pais-filho; Família; Adolescente.

INTRODUZINDO O TEMA

A partir do momento em que as pessoas passam a formar uma família, elas seguem uma trajetória ou ciclo de vida familiar com etapas que se sucedem ao longo do processo de viver. Cervený e Berthoud (1997) classificam esse ciclo em quatro etapas, não rigidamente determinadas, assim chamadas: fase de aquisição, fase adolescente, fase madura e fase última. Surgem os filhos. Formam-se os pais. E as famílias vão construindo um modo de viver próprio. As transformações que permeiam a família, paralelamente ao processo evolutivo da trajetória, caracterizam a sua formação, cada etapa da sua história de vida e a própria convivência de seus membros.

Em se tratando da família com filhos adolescentes, a literatura tem nos revelado que esta é uma etapa crucial na vida de seus membros, mistificada pelas crises e conflitos constantes. Entretanto, direcionando o olhar para o processo de viver em família, a adolescência dos filhos pode ser caracterizada por uma fase rica de descobertas, compartilhada pelas relações de reciprocidade e trocas. Acredita-se que a busca deste equilíbrio está na forma como a família constrói o ambiente familiar. Pilnik (1985, p.34) declara que "cada família desenvolve padrões e normas morais, éticas e religiosas que servem como norma de adaptação do novo ser em desenvolvimento".

De modo geral, a realidade do adolecer é focada na literatura, por temas relativos aos aspectos físicos, psicossociais e sexuais do adolescente e pelos transtornos que surgem nesta etapa da vida do ser humano.

Recebido em 13/01/03 aceito em 18/07/03

* Enfermeira. Professora Adjunto IV do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Filosofia em Enfermagem.

** Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da UFSC. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq.

Como declara Patrício (2000, p.122) "adolescer é um ritual de passagem". Uma passagem para o mundo dos adultos, mas que é vivida na família. É através dos tempos, assinala Osório (1992, p.27), que "a família, pela função socializadora que lhe é inerente, pressupõe um papel de intermediação entre os jovens e a sociedade". Assim, não se pode compreender o adolescente, sem conhecer como a família convive com este adolescente e como ele percebe esta família.

Estudar sobre o modo de viver das famílias com filhos adolescentes possibilita a compreensão das características e das idéias próprias desta fase da trajetória de vida familiar. Tendo em mente que cada membro da família encontra-se num contexto amplo de interações intra e extrafamiliares, podemos perceber como e quão é influenciado por estes meios a construção da convivência em família.

Desta maneira, como profissionais sujeitos a atuar com questões relacionadas à família, desenvolvemos este estudo com o objetivo de compreender como as famílias com os filhos adolescentes percebem a convivência familiar.

INDICANDO A METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo realizou-se o levantamento de dados junto aos membros de cinco famílias com filhos adolescentes. As entrevistas aconteceram nos domicílios, uma vez que se considera o domicílio como ambiente de domínio da família, "o espaço onde ela define seu modo de viver", ou seja, onde se dá a convivência (Althoff, 2001, p.142).

As famílias eram formadas por pais e filhos. Os pais, casados, com idades entre 38 e 49 anos, tinham de 1 a 3 filhos com idades entre 8 e 19 anos. A média de idade dos filhos era de 14 anos. A formação dos pais variou entre o nível fundamental, médio, superior e pós-graduação. Com referência às profissões, os pais ocupavam atividades que variaram entre as de baixa e alta qualificação profissional (pedreiro, manicure, professora, médico, engenheiro, funcionário público e economista). Os filhos eram todos estudantes. Todas as famílias entrevistadas possuíam moradia própria.

As famílias foram selecionadas a partir do cadastro de uma escola pública e através de indicações feitas por profissionais da área. Os membros das famílias foram convidados para participar do estudo e esclarecidos sobre o consentimento livre e informado.

APRESENTANDO OS RESULTADOS

A análise comparativa dos dados possibilitou a construção das seguintes categorias: Definindo quem é a família; Percebendo uma nova fase na vida familiar; Pensando nos filhos; Tomando consciência das mudanças na vida dos filhos adolescentes; Percebendo a família sob o ponto de vista dos adolescentes; Refletindo sobre a experiência de viver em família e Falando sobre saúde e família saudável. Estas categorias reúnem as falas dos membros das famílias sobre como eles percebem a convivência.

DEFININDO QUEM É A FAMÍLIA

Ao definirem quem é sua família, os membros se referiam como a principal, ou seja, aquela formada pelos membros presentes na sua convivência diária. "Acho que da nossa família, o núcleo principal seria nós cinco" (Família II). Segundo eles é aquela formada pelos pais e filhos. "A família principal é a gente" (Família IV). As demais pessoas que estão ligadas às famílias de origem são consideradas parentes: "Para mim família é o casal e os filhos, o resto é tudo parente, declara um dos informantes" (Família IV).

PERCEBENDO UMA NOVA FASE NA VIDA FAMILIAR

Ao comparar os diversos momentos da vida familiar, os membros percebem que estão atravessando uma nova fase em sua trajetória. Eles revelam aspectos das fases passadas que foram modificando-se ao longo do tempo. Hoje, os pais percebem que têm mais tempo, conquistaram a estabilidade profissional e financeira e podem usufruir de suas conquistas. Percebem ainda, que já passaram pela fase complicada dos filhos pequenos, na qual havia necessidade de ajuda e de maior despesa com as doenças. "Quando ele era pequeno, toda vida era doente, o que nós gastamos com ele" (Família I). Por outro lado, os pais reconhecem que ficam mais descansados nos dias de hoje, considerando a correria quando os filhos eram pequenos: "Hoje eu já fico mais descansada" (Família IV).

Os pais desejam estar mais com os filhos nesta fase. "Acho que a gente tem que aproveitar mais essa fase porque eles estão crescendo e essa fase vai passar" (Família II). Porém, eles sabem que é um período em que começa a se tornar mais difícil fazer programas juntos. Os pais precisam negociar para atender a todos e, muitas vezes, eles têm que se adaptar às atividades dos filhos. Eles também percebem que a adolescência muda a vida da família devido as mudanças individuais dos filhos e as novas exigências sociais.

PENSANDO NOS FILHOS

Esta categoria surgiu como resposta à análise dos relatos dos pais com relação aos filhos adolescentes. Constatou-se que os pais procuram estabelecer maneiras de educar os filhos orientando-os sobre as condutas, conversando, oferecendo apoio e afeto, desejando um futuro melhor para eles. Eles percebem que cada etapa tem uma maneira de educar. Nesta fase, os pais referem que têm necessidade de definir limites e manter a disciplina. Eles ressaltam a importância de saber dizer não aos filhos quando algo pode prejudicá-los. "Não é em todo lugar que dá pra deixar eles irem, tem que saber onde e com quem eles vão" (Família I). Eles observam também que é através do diálogo, que eles ensinam o que é certo e errado nos comportamentos; que, além da família, a escola tem uma influência na educação dos filhos, através das informações que esses obtêm formalmente e do seu grupo de pares. "A gente conversa bastante, mas muita coisa eles vêm aprendendo na escola também" (Família IV).

Observou-se, também, que nesta fase, os pais estão em constante estado de alerta às novas amizades dos filhos e ao uso das drogas. Eles revelam que não conseguem dormir enquanto os filhos não chegam das festas, comuns nesta idade. "Enquanto ela não chega, não coloco a cabeça no travesseiro, fico preocupada" (Família IV). Os pais demonstram preocupações com a segurança, com a influência dos meios de comunicação, especialmente a televisão, na presença de cenas eróticas, sobre as ações dos adolescentes de maneira cada vez mais precoce, sem que eles tenham sido preparados para compreender os aspectos sociais da atualidade.

Viu-se, também, que no cotidiano da vida em família os pais se preocupam com o futuro dos filhos. O estudo é uma questão prioritária. Eles procuram liberar os filhos de outras atividades para que estudem. Eles desejam para seus filhos uma vida melhor que a deles. Essas idéias ficaram bastante caracterizadas em uma das famílias entrevistadas: "Às vezes, eu pego eles pra dar uma mãozinha, mas quando eles têm um compromisso no outro dia, daí eu deixo eles porque eles precisam estudar pra ser alguém na vida" (Família IV).

TOMANDO CONSCIÊNCIA DAS MUDANÇAS NA VIDA DOS FILHOS ADOLESCENTES

Os pais percebem mudanças no comportamento dos filhos como a busca da independência e a tomada de decisão para as ações. "O negócio dela já é mais cinema, shopping, amigas, já pega ônibus sozinha, então, está um pouco mais independente" (Família II). Notam também que os filhos desejam privacidade e que começam

a construir uma identidade própria, independente. “Quando eles são bebezinhos, até um ou dois anos, eles têm uma maneira de pensar e depois dali eles começam a mudar, a mentalidade deles também é diferente” (Família I). Os pais também observam diferenças entre os filhos adolescentes quanto às características pessoais e quanto à reação dos limites definidos. “Porque um filho é diferente do outro, mas na própria educação eles são diferentes, ele é bem mais agitado, ela é mais calma” (Família IV).

PERCEBENDO A FAMÍLIA SOB O PONTO DE VISTA DOS ADOLESCENTES

Ao relatar sobre o viver em família, os adolescentes destacam as normas ou as limitações que se vêm envolvidos, especialmente quando desejam participar das atividades sociais de seus grupos. Eles revelam que podem aceitar as limitações estabelecidas, concordando em não participar de uma festa que gostariam, ou numa outra atividade de interesse; entretanto, muitas vezes, eles utilizam da persuasão para alcançar os seus objetivos: “Quando o pai não deixa a gente tenta, insistindo um pouco” (Família IV). Os adolescentes, ao refletirem sobre seu viver em família, fazem comparações com as famílias de amigos e conhecidos. Eles, muitas vezes, percebem que há diferença na maneira de educar e se relacionar. Eles, em certo momento, reconhecem as conquistas dos pais e chegam a declarar que não trocariam a vida que têm. “A vida que a gente tem não é a das melhores, mas eu não trocaria” (Família IV).

REFLETINDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE VIVER EM FAMÍLIA

Esta categoria reúne a percepção das famílias em relação ao modelo familiar, aos papéis que desempenham, os valores e a necessidade de diálogo entre seus membros.

As famílias constroem o seu viver tendo como referência o modelo da família de origem, buscando mantê-lo ou não. “Eu acho que nós reproduzimos um pouco o modelo que existe. (...) Não estou dizendo que todo modelo é ruim, algumas coisas como a organização excessiva, a valorização da organização acima dos sentimentos das pessoas foi uma coisa que nunca concordei, foi uma coisa que pra mim não serve” (Família II). Assim como para esta família, alguns aspectos da vida familiar não são considerados positivos; para outras famílias, alguns aspectos que marcaram a sua experiência na família de origem são valorizados na construção da convivência familiar. “Se a minha família for unida e tiver essa coisa de sair junto, fazer festa junto, se reunir, sempre nesse ritmo, pra mim está bom” (Família IV).

A dinâmica familiar cotidiana está representada pelos papéis parentais e pelas tarefas que desenvolvem. As famílias referem que os papéis ainda são mantidos de acordo com as normas sociais. “Eu sempre me dediquei mais ao trabalho profissional no ponto de vista de dar mais segurança e tentar aquela independência financeira que todo mundo sonha (...) Ela faz mais essa parte familiar de levar para o cinema, a comida, comprar a comida” (Família II). Entretanto, percebem a necessidade da mulher participar do mercado de trabalho. “Ela sempre trabalhou e acho que foi importante isso” (Família III).

Os membros das famílias observam que conviver requer diálogo e participação de todos os membros. Nesta etapa da vida familiar, consideram importante a participação dos adolescentes, uma vez que estão buscando a sua autonomia e independência. “Quando a gente sente que fica difícil, a gente se reúne, discute as coisas para que eles também tenham a participação” (Família II). Um outro aspecto da convivência está em considerar os valores, respeitar um ao outro, valorizar o outro e ter união na família. Apontam também a questão da moradia, do lazer, do espaço como importantes para viver em família. Eles não desejam morar com parentes e consideram a casa como prioridade, possibilitando mais liberdade. “Hoje cada um tem seu quarto e a vida melhorou” (Família IV). As famílias avaliam o seu viver e percebem que vale a pena a convivência e ver o crescimento dos filhos.

FALANDO SOBRE SAÚDE E FAMÍLIA SAUDÁVEL

Esta categoria surgiu a partir da análise dos dados referentes ao questionamento sobre como as famílias entendiam a saúde na família. "Saúde é viver sem problemas, pois a pessoa que está cheia de pepinos pra resolver, acho que não é saudável" (Família IV), disse um membro de uma das famílias. Ele se referia às dificuldades em resolver os problemas cotidianos que interferem no seu bem-estar, com influência na família. Eles revelam também uma visão direcionada para as dimensões de saúde. "Acho que a saúde tem várias definições: saúde física, emocional, psicológica" (Família II). Cada uma dessas dimensões pode afetar o viver dos membros da família. Segundo as famílias, viver saudável é ter saúde.

Através dos relatos das famílias constatou-se que elas indicam condições para serem famílias saudáveis. Ter paz, amor e união é a condição essencial para o viver bem em família. Para algumas famílias, a religiosidade também favorece este viver. "É ter união entre as pessoas (...) E também acho que precisa ter Deus na família" (Família I). Para outras, ter trabalho, casa e alimentação são condições importantes para viver de maneira saudável, conforme é visto na seguinte declaração: "Em primeiro lugar você tem que ter uma casa, comida, (...) E o trabalho tem que ter numa família" (Família I). De acordo com as famílias, viver de forma saudável é bom, é viver bem, é não ter doenças, é comer bem, ter paz, amor, alegria e, lutar para ter as coisas que gosta e realizar os sonhos. "A nossa vida agora é saudável, a gente está vivendo de maneira saudável: com paz, amor, alegria" (Família III).

As famílias estabelecem estratégias para viver de maneira saudável. Segundo elas, é agradecendo a Deus, buscando melhorar a comunicação, negociando os interesses, atendendo às individualidades sem prejudicar o outro, procurando interagir e tentando conversar mais com os filhos são maneiras de conduzir um viver harmonioso entre os integrantes de seu grupo familiar. Consideram também que almoçar juntos, ter um horário em que todos se encontrem e participar das reuniões familiares são maneiras de buscar uma aproximação para o diálogo. Além disso, a participação nas tarefas diárias ajuda na integração do grupo. Os filhos adolescentes reconhecem que têm que ajudar em casa; entretanto, na maioria das vezes, os pais têm que solicitar. Eles também reconhecem que, ao se organizar, trabalhar e fazer economia, contribuem para o viver saudável da família. "Um ajudando o outro é que a gente consegue viver bem" (Família III).

Embora as famílias percebam que para ser saudável é necessário um esforço conjunto para dar certo, elas declaram que alguns aspectos contribuem para que uma família não seja saudável. Elas consideram que ter doença, um filho envolvido com drogas, prestações para pagar, problemas não resolvidos entre seus membros, são aspectos que não permitem que as famílias sejam saudáveis. "Esse negócio de brigar um com o outro atrapalha a família" (Família IV).

DISCUTINDO O TEMA

No mundo atual, independente da etapa da trajetória de vida familiar em que as famílias estejam vivendo, as pessoas, ao definirem quem é a sua família, fazem menção ao grupo de convivência. Elas declaram que família é aquela formada pela convivência. Estudos anteriores realizados por Nitschke (1999) e Althoff (2001) revelam também esta mesma idéia. Quando as pessoas convivem por um certo tempo, elas formam uma família, assinala Nitschke. Neste mesmo ponto de vista, Althoff ressalta que a identificação de família é definida em função das relações estabelecidas entre os membros, ou seja, pelos que convivem e/ou por aqueles que estão próximos. É importante salientar que a família de origem é indicada numa outra dimensão, ou seja, como parente ou familiar, no entanto, elas são formadas pelas pessoas que estão mais próximas da família por convivência e que têm exercido uma influência sobre esta "nova família" como denomina Althoff (2001), especialmente através do modelo familiar.

As famílias reconhecem a existência de um modelo na experiência com as famílias de origem e passam a incorporar ou a eliminar algumas características que marcam a convivência. Para Althoff (2001, p.121) as famílias entendem que "ser um modelo representa o conjunto de valores a ser reproduzido" e estes valores são

levados em conta na construção da convivência familiar. Dentro deste ponto de vista, Berthoud e Bergami (1997, p.68) referem que "dependendo do grau de maturidade dos cônjuges, da forma como elaboraram a saída da casa paterna e das regras que foram construídas pelo casal, os modelos antigos podem ser revistos, transformados e adaptados para atenderem às necessidades da família atual". Nas famílias com filhos adolescentes, o modelo familiar ainda está presente e é uma referência para a vida da família e a educação dos filhos.

A literatura e a nossa experiência com os jovens têm nos revelado que a adolescência é uma etapa crucial na vida do ser humano, caracterizada por novas descobertas e conflitos em relação ao seu próprio eu, à família e ao mundo exterior. Para as famílias estudadas, essa etapa é também repleta de ajustamentos e trocas para que possam entrar em sintonia com os filhos adolescentes. Os pais salientam a necessidade de definir limites e se adaptar às mudanças. Os filhos, por outro lado, estabelecem maneiras próprias de lidar com as limitações em busca de seus objetivos. Arruda (2002, p.9) afirma que "os adolescentes costumam fazer valer de várias armas para conseguir o que desejam". Algumas vezes, eles se mostram mais receptivos com as opiniões dos pais, outras vezes, desafiam, argumentam e tentam persuadí-los para resolverem as suas questões. Por isso, acentua-se a importância do diálogo entre pais e filhos, considerando as crenças e valores construídos neste viver comum. Riera (1998, p.122) declara que "cada família é diferente e deve desenvolver seu próprio conjunto de regras. Essencial é que as diretrizes sejam coerentes com outros valores e crenças da família e que todos sigam os acordos estabelecidos".

Nesta fase de vida familiar, os pais declaram que estão em constante estado de alerta. Eles demonstram preocupações com a violência nas ruas, o consumo de drogas e as novas amizades. Embora sejam questões que sempre estiveram presentes na sociedade, tem-se observado que na sociedade contemporânea, isto tem se acentuado, trazendo dificuldades de convívio. Se de um lado estas questões constituem um transtorno social; de outro, elas exercem uma influência na vida dos adolescentes, restringindo o seu círculo de amigos. As pessoas têm medo de sair de casa e, portanto, de estabelecer vínculos fora da esfera familiar. Pela falta de segurança, os jovens deixam de viver a fantástica experiência da juventude que é fazer amigos. É uma regressão para dentro da vida doméstica e isto é muito ruim do ponto de vista político e cultural, disse uma entrevistada num jornal televisivo, em agosto de 2002. Esta é a etapa caracterizada por um "tempo de preocupações", no dizer de Althoff (2001), na qual os pais demonstram também inquietações com a formação profissional dos filhos e com o enfrentamento competitivo presente na sociedade. Pensar no futuro dos filhos faz com que os pais desenvolvam estratégias, ou seja, buscam oportunizar tempo para os estudos e estimular a aprendizagem de outras línguas, esportes e música, para que os filhos tenham possibilidades de enfrentar o mundo atual.

Neste estudo os filhos adolescentes reconhecem a família como importante para o seu viver. Como é próprio desta etapa da vida, se fazem presentes e os conflitos incidem sobre a geração de tensões entre pais e filhos adolescentes. Entretanto, é a família o núcleo mais importante para o crescimento e desenvolvimento dos seres humanos. Numa pesquisa realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF com jovens de todas as regiões do país, constatou-se que, para a grande maioria dos adolescentes brasileiros, a família é a instituição mais importante da sociedade (Novaes, 2002).

Para viver de maneira saudável, as famílias utilizam estratégias que possibilitam o sentir-se bem em família, o que exige um esforço conjunto para dar certo. Elas indicam a busca da comunicação e interação entre os membros, a participação nas atividades cotidianas, a negociação de interesses, o respeito às individualidades sem prejudicar o outro, a ajuda e a valorização mútua como atitudes favoráveis para viver juntos. Consideram também que os filhos adolescentes têm grande parcela na participação pela busca do viver saudável em família. Osório (1996, p.74) salienta que "talvez a grande mutação na relação pais e filhos no mundo de hoje tenha sido justamente o abandono destas alternativas de proibir ou permitir para o surgimento de uma atitude de negociar e dialogar, oportunizando o encontro de novas soluções que se apóiam em concessões de parte a parte e ensejam o incremento da confiança recíproca e da tolerância mútua nas relações entre as gerações". Gomez e Charath

(1996) reafirmam esta idéia, ao declararem que as famílias saudáveis são aquelas democráticas, em que há o respeito mútuo, compartilham as responsabilidades e as tarefas cotidianas, além de estabelecer a comunicação entre seus membros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família é um espaço vital para se viver e conviver. Durante toda a trajetória da vida familiar ela encontra desafios em cada etapa. Para as famílias na fase adolescente, este processo é singular e diferente em função das mudanças na vida dos filhos. Enquanto os pais revelam preocupações com o futuro dos filhos e com aspectos sociais atuais, os filhos querem tomar suas decisões em busca da autonomia e da independência. Embora possa parecer que é um processo que transcorre normalmente na vida das pessoas, tanto a família como o filho adolescente são afetados pela situação em que se encontram. Dependendo da maneira como eles constroem essa vida em comum, o viver pode se tornar ou não harmonioso, como disse uma família entrevistada: "Não é difícil construir uma família, só que também você precisa saber cultivar" (Família I).

Este é um tema bastante complexo. É importante que profissionais que atuem nesta área busquem conhecer o que acontece no mundo das famílias, para que as intervenções, quando necessárias, sejam mais próximas das suas realidades. É importante compreender que "a saúde é vista como um bem da família, em que o ambiente familiar está baseado na construção de uma convivência harmoniosa" (Althoff, 2001, p.136).

A Enfermagem, ao compreender que a família vivencia a cada etapa um período de transformação no seu modo de viver, pode ajudá-la a enfrentar os desafios inerentes ao próprio processo e a busca de melhores condições de vida.

ABSTRACT: The presence of the teenagers in the family signals a stage in the family life cycle. With the purpose of understanding how families perceive the living together in family at this stage of their lives, we made a qualitative research, through open interviews with five families, in their residence. The comparative analysis allowed us to identify the following categories: Defining who is part of the family; Perceiving a new stage in the family life; Thinking about the children; Getting aware of the change in the teenager's lives; Perceiving the family from the teenager's standpoint; Reflecting about the experience of living in family and Talking about health and a healthy family. For the families in the adolescence stage, this is a singular process which brings changes to family life. While the parents reveal that they maintain themselves in constant attention, the children look for independence, but they wish to live in family.

KEY WORDS: Parent-child relations; Family; Adolescent.

RESUMEN: La presencia de los hijos adolescentes en la familia marca una etapa en la trayectoria de la vida familiar. Con el objetivo de comprender como las familias perciben la convivencia familiar en esta etapa de la vida, se realizó un estudio de cuño cualitativo. Los datos fueron levantados a través de entrevistas abiertas realizadas con cinco familias, en sus respectivos domicilios. El análisis comparativo de los datos permitió identificar las siguientes categorías: Definiendo quién es la familia; Percibiendo una nueva fase en la vida familiar; Pensando en los hijos; Tomando conciencia de los cambios en la vida de los hijos adolescentes; Percibiendo la familia sobre el punto de vistas de los adolescentes; Reflexionando sobre la experiencia de vivir en familia; y Conversando sobre la salud y una familia saludable. Para las familias en la fase adolescente, esto es un proceso singular con cambios en la vida familiar. En tanto los padres revelan que se mantienen en constante estado de alerta, los hijos buscan su autonomía e independencia, pero desean vivir en familia.

PALABRAS-CHAVE: Relaciones padres-hijo; Familia; Adolescente.

REFERÊNCIAS

- 1 ALTHOFF, C. R. Convivendo em família: contribuição para a construção de uma teoria substantiva sobre o ambiente familiar. Florianópolis: Editora UFSC/Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2001.
- 2 ARRUDA, A. Adolescente não cresce sem conflito com os pais. Folha de São Paulo, São Paulo, 4 jul. 2002. Folha equilíbrio, Guerra em casa, p. 8-10.
- 3 BERTHOUD, C. M. E.; BERGAMI, N. B. B. Família em fase de aquisição. In: CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (Org.). Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 47-73.
- 4 CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- 5 GOMEZ, P. P.; CHARATH, X. L. El Adolescente en conflicto: salud integral. Santiago do Chile; Editorial Andres Bello, 1996. .
- 6 NITSCHKE, R. G. Mundo imaginal de ser família saudável: A descoberta dos laços de afeto como caminho numa viagem no cotidiano em tempos pós-modernos. Pelotas: Editora e gráfica Universitária UFPel, 1999.
- 7 NOVAES, T. Para jovem, família é o mais importante. Folha de São Paulo. São Paulo, 31 jul. 2002. Cotidiano, Comportamento, p.4.
- 8 OSORIO, L. C. Adolescente hoje. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- 9 _____. Família hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- 10 PATRICIO, Z. M. O cuidado com a qualidade de vida dos adolescentes: um movimento ético e estético de "Koans e Tricksters". In: RAMOS, F. R. S., MONTICELLI, M.; NITSCHKE, R. G. Um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília: Associação Brasileira de Enfermagem, 2000. p. 121-143.
- 11 PILNIK, C. P. Psicologia do adolescente: seu meio e sua família. In: ZEK CER, I. (Org.) Adolescente também é gente. São Paulo: Summus, 1985.
- 12 RIERA, M. Filhos adolescentes um jeito diferente de lidar. São Paulo: Summus, 1998.